



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do Centro Estadual de Educação Profissional José Figueiredo Barreto e assinatura de contrato das obras da ponte sobre o rio Piauí

Aracaju-SE, 12 de junho de 2009

Meu querido companheiro Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe, e sua companheira Eliane Aquino,

Companheiros ministros Fernando Haddad, da Educação, e Luiz Barretto, do Turismo,

Senhora Leonor Barreto Franco,

Senhor Belivaldo Chagas, vice-governador de Sergipe,

Senadores Almeida Lima e Antônio Carlos Valadares,

Deputados federais Iran Barbosa, Jackson Barreto e Valadares Filho,

Meu companheiro prefeito de Aracaju, Edvaldo Nogueira, e senhora Danusa Silva,

Vereador Emmanuel Nascimento, presidente da Câmara de Vereadores de Aracaju,

Meu querido companheiro José Eduardo Dutra, presidente da BR,

Meu caro José Fernandes de Lima, secretário de Educação de Sergipe, em nome de quem cumprimento os demais secretários aqui presentes,

Nossa querida Maria Rosalvânia da Cruz Araújo, diretora do Centro de Educação Profissional José Figueiredo Barreto,

E nosso querido companheiro – olha que nome bonito que ele tem – Abi Custódio do Amor Divino. Com um nome desses, vai longe este menino.

Meus queridos companheiros e companheiras,

Na verdade, todos nós somos “o cara”. Eu acho que o que está



acontecendo hoje em Sergipe vai acontecer este ano em muitos municípios brasileiros, porque só neste ano nós temos cem escolas técnicas para inaugurar, só neste ano. Já inauguramos umas 30, faltam umas 70. Então, imaginem o seguinte, que em um ano nós vamos inaugurar 2/3 de tudo o que foi feito em cem anos.

A mesma coisa a gente fala para a universidade. Se todo presidente da República que passou pela Presidência da República desde a Proclamação da República tivesse feito quatro universidades ou três universidades, a gente não teria problema de universidade para colocar os nossos jovens. Acontece que o Juscelino fez bastante. O Juscelino deve ter feito mais de dez universidades. Está certo que uma grande parte em Minas Gerais, mas fez. Mas, de lá para cá, e antes dele, as pessoas tinham na cabeça que pobre não precisava estudar em universidade. As pessoas tinham na cabeça que: “Bom, eu já estou na universidade, por que eu vou me preocupar com quem não está na universidade?”. Eu, por exemplo, não tive oportunidade de estudar. Uma das razões era que, muito cedo, tinha que trabalhar para ajudar em casa. Agora, é exatamente pelo fato de eu não ter tido oportunidade de ter estudado, mas ter formado os meus quatro filhos, que eu acho que é justo a gente dar ao povo deste país a mesma oportunidade que tem a parte mais rica da população.

Uma outra coisa que me chamava atenção era por que o Nordeste era tão esquecido. Se você for olhar no campo da educação, você vai perceber que a maioria dos pesquisadores deste país está em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Os doutores, os mestres, a maioria está em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. E o Norte e o Nordeste foram sendo esquecidos, porque eu acho que uma parte da elite imaginava que nordestino só gostava de ser pedreiro, só gostava de ser pedreiro. A coisa que mais me irritava era o pessoal em São Paulo olhar assim para aqueles prédios grandes e falar: “Isso aqui foi um nordestino que construiu”.



Ora, o que nós estamos fazendo é dizer para todo mundo que o nordestino não quer ser mais do que ninguém. Nós apenas queremos ser tratados como cidadãos e cidadãs de primeira classe, e não de segunda classe. Nós não queremos apenas ser pedreiros – mas também não temos vergonha de ser pedreiros –, mas nós também queremos ser engenheiros, nós queremos ser médicos, nós queremos ser arquitetos, nós queremos ser advogados, nós queremos ser economistas. Nós também, do Nordeste, queremos provar que nós poderemos nos desenvolver tão rapidamente quanto se desenvolveu o sul do País. E nós estamos começando agora, nós estamos começando agora. Nós vamos precisar de, pelo menos, 20 anos para que a gente possa tornar o Brasil mais forte, mais igual e que não haja tanta diferença regional como existe hoje. Vocês estão lembrados que quando nós assumimos o governo, nós tomamos a decisão de fazer com que o Nordeste brasileiro pudesse receber investimentos que até então não recebia. Por isso, nós resolvemos duplicar a BR-101, atravessando todo o Nordeste, para [que] o turista que for direto para a Bahia em um voo charter, correr [corra] todo o litoral, o cara que chegar em Pernambuco pode percorrer, o cara que vier a Sergipe pode percorrer, mas para isso tem que ter estrada. Se não tiver infraestrutura, não tem possibilidade.

Outra coisa importante que nós estamos fazendo são os investimentos nas universidades brasileiras. As escolas técnicas, eu acho que quando terminar o mandato, nós criamos [criaremos] um outro paradigma. Quem vier depois de mim governar o Brasil, não vai olhar para trás e ver números pequenos. As pessoas vão saber que um metalúrgico, sem diploma universitário, sem mestrado, sem doutorado, fez mais escolas do que os doutores que já governaram este país. E nós... também na universidade. Quando nós criamos o PAC, o PAC da Ciência e Tecnologia, o Brasil não tinha política de ciência, não tinha política de ciência e tecnologia, a gente não tinha um programa. No que a gente ia investir? Cada ministro que entrava fazia o



seu programa, o ministro ia embora e o programa acabava. Entrava outro, fazia um programa, o ministro ia embora, o programa acabava. O que nós fizemos? Nós fizemos, Marcelo Déda, o maior debate que já foi feito neste país sobre política de ciência e tecnologia.

Quando nós aprontamos o PAC da Ciência e Tecnologia... eu acho que vou passar para história como o único presidente da República que foi aplaudido por todo o Conselho Nacional de Política de Ciência e Tecnologia. O Programa não é do Lula, o Programa não é do Marcelo Déda e o Programa não é do ministro Sergio Rezende. O Programa é da comunidade que fez. Eu ainda criei uma comissão de cientistas para fiscalizar a aplicação do dinheiro, para ver se a gente consegue evoluir. Qual é o orgulho que eu sinto? O orgulho que eu sinto é que este ano o Brasil passou a Rússia na produção de artigos em revistas especializadas sobre Ciência e Tecnologia. Já somos o... passamos a Rússia e a Holanda, em uma demonstração de que o povo brasileiro não é inferior a ninguém. O que falta para nós, e faltava muito, era a gente se sentir, eu diria, com a autoestima lá em cima, era a gente acreditar que nós não somos inferiores a ninguém. Vejam que engraçado, aconteceu na minha vida: eu passei 20 anos da minha vida pelas ruas de Aracaju, de Recife, de Salvador, de Fortaleza, de Boa Vista, de Porto Velho, de São Paulo, do Rio de Janeiro, carregando uma faixa "Fora FMI", "Fora FMI". Nós não só não devemos nada ao FMI, como agora são eles que nos devem, porque nós emprestamos 10 bilhões para eles.

Essa virada acontece na medida em que o povo começa a acreditar em si mesmo, na medida em que o povo começa a perceber que não tem que ter complexo de inferioridade. Nós não somos inferiores a ninguém, nós somos iguais. Acontece que a elite brasileira sempre foi subordinada à elite americana e à elite europeia, ou seja, nós sempre achávamos que eles podiam as coisas e nós não. Eu aprendi no movimento sindical: nenhum interlocutor respeita o outro interlocutor se ele próprio não se respeitar. A chave da vitória de um ser



humano de um país é ele acreditar nele. Por que eu perdi três eleições e fui para a quarta para ser presidente? É que eu queria provar que eu tinha mais competência do que eles para governar este país.

Pois bem, nós estamos inaugurando uma escola. Esta escola aqui começou bem antes. Como disse o nosso companheiro Marcelo Déda, começou ainda no governo Albano Franco. O outro governo veio e parou. Eu poderia dizer para o Déda: sabe, Déda, eu não vou ajudar. Esta escola começou na época dos Tucanos, eu não vou ajudar. Não. Quando ele pediu, o governo federal, através do nosso companheiro Fernando Haddad, deu 2,8 milhões para acabar esta escola. Porque eu tenho a convicção de que na hora em que a gente tiver 960 jovens estudando aí, serão 960 jovens que estarão livres das drogas, de cair na criminalidade, na violência. Eu prefiro construir cem escolas do que construir uma cela na cadeia.

Aí a gente vai para as universidades. O que acontecia no Brasil? Eu fui na Caravana da Cidadania em 1994, 1992 e em 1991. O que acontece? Todas as universidades federais do Brasil – e eram poucas, eram 54 universidades, eram 43 universidades federais – todas elas nas capitais, como se, dentro de cada estado, a gente marginalizasse o povo do interior. Então, o jovem do interior, se quisesse estudar em uma faculdade, ele tinha que abandonar a família lá e vir aqui tentar encontrar condições de passar em um vestibular, e depois morar em péssimas condições porque tinha que pagar um aluguelzinho em uma pensão, e ficava tudo muito difícil. Eu comecei a pensar: por que não levar a faculdade até onde estão as pessoas em vez de trazer as pessoas onde está a faculdade? Por que não fazer?

Hoje é uma realidade: nós temos 12 universidades federais novas sendo construídas ainda; temos quatro propostas no Congresso Nacional para a gente criar uma delas, é uma universidade binacional, ou seja, Brasil e África, para que a gente possa ter metade dos estudantes africanos estudando aqui, e metade brasileiros; uma da América Latina, para que a gente possa ter alunos



latino-americanos, professores latino-americanos, e que o currículo seja um currículo não do Brasil, mas um currículo latino-americano. Essa também está sendo construída.

O que nós queremos dizer? É que a gente conseguiu, aos poucos, levar a universidade para o interior do País, e quando a gente leva a universidade para o interior do País, a gente leva desenvolvimento também. Por quê? Porque atrás de uma universidade vai um grupo de professores, de professoras, de estudantes. Daqui a pouco começa a crescer o comércio, daqui a pouco tem um hotelzinho, daqui a pouco alguém quer montar uma fábrica, vai procurar uma fábrica que tenha uma mão-de-obra altamente qualificada, e aí, essa combinação que nós estamos fazendo – mais de cem campi. Nós já fizemos mais... Ou melhor, até 2010, nós vamos fazer mais de cem extensões universitárias pelo nosso país afora e 214 escolas técnicas.

Não pensem que eu estou contente, não. Não pensem que eu estou contente. Eu vou fazer questão de eleger uma pessoa para assumir a Presidência deste país para fazer mais do que eu, porque nós mudamos o paradigma. O paradigma não vai ser de 140 escolas em cem anos. Vai ser de 214 em oito anos. O paradigma vai ser muito maior e eu já disse aos meus ministros: [no] dia 31 de dezembro, todos eles vão ter que me entregar tudo o que eles fizeram em oito anos, cada centavo que eles investiram, cada centavo que gastaram, cada tijolo que foi colocado em alguma obra. Eu quero que cada ministro vá ao cartório, registre o que fez, porque eu quero entregar para as universidades, para os sindicatos, quero entregar para os deputados, para os senadores e, sobretudo, entregar na mão da pessoa que vai me suceder: olha, isso aqui, toda vez você leia, porque você tem que fazer mais do que eu. Porque o paradigma mudou.

Eu não falei aqui do ProUni. Você sabe quantos alunos tem do ProUni, aqui, Dedé? Uns 4 mil, 5 mil? Veja se no meu discurso fala alguma coisa de ProUni aí? Eu trouxe um discurso por escrito aqui, mas Déda falou a metade



dele, Fernando Haddad falou a outra metade e eu falei: eu não vou falar do ProUni, não. Mas olhem, o ProUni é uma idéia extraordinária do Fernando Haddad. O ProUni foi um jeito que nós encontramos de garantir aos pobres da periferia deste país o direito de fazer um curso. Vocês sabem que nós fizemos a isenção de alguns impostos e fizemos a troca do valor do imposto por uma vaga para um jovem, desde que fosse um jovem que tivesse feito o ensino fundamental e o segundo grau em escola pública. Aí acertamos. Teve muita gente contra, viu, Déda? Muita gente contra. Achavam que a gente estava dando dinheiro para a escola privada, que a gente estava retrocedendo. Eu quero agradecer aos companheiros da UNE que eu vi por aqui, com as bandeiras, porque sempre a UNE esteve do nosso lado, cobrando, mas também brigando contra aqueles que não queriam que fizesse [fizéssemos].

Ora, qual é o milagre, hoje? O milagre, hoje, é que nós temos 742 – ou 41 – mil alunos da periferia fazendo universidade hoje, dos quais metade são meninas e meninos negros deste país que não tinham oportunidade de estudar, e aí disseram que esses alunos iriam baixar o nível da educação, porque eram da periferia. Quando o MEC fez, dois anos depois, no ano passado, ele fez a aferição, em 14 cursos, os melhores alunos eram os alunos do ProUni, eram os meninos pobres da periferia.

Então, isso prova o quê? Isso prova que as pessoas precisavam apenas de uma oportunidade. O ser humano, na medida em que tem oportunidade e ele não perdeu a esperança, ele vai embora. Quando a gente vê na televisão, todos os dias, aquele jovem sendo preso, aquele jovem sequestrando, aquele jovem fazendo barbaridade, você pode ver que é tudo jovem de 20 anos, 22, 23, 24, não tem ninguém de 40 anos, de 50 anos. Sabem por quê? Porque esta geração que está sendo presa hoje é a geração que não teve oportunidade nos anos 80, nos anos 90, é a geração que não pôde estudar, é a geração do desemprego deste país, é a geração da falta de oportunidade, e aí um moleque desses, por desespero, cai no crime.



Por isso que nós criamos o ProJovem. O ProJovem, nós temos a ideia de, até 2010, tirar 4 milhões de jovens das ruas, jovens que têm entre 17 e 24 anos, que pararam de estudar, nós queremos trazê-los para eles terminarem um curso e aprenderem uma profissão. Em vez de ir para a bandidagem, vão para o escritório trabalhar, vão para o comércio trabalhar, vão viver dignamente.

Por isso, Marcelo Déda, eu estou feliz de estar aqui hoje, feliz. Cada vez que eu inauguro uma escola, eu sei que é uma cadeia a menos que vai ter que ser feita neste país, ou uma cela a menos. E cada vez que eu inauguro uma escola, Déda, eu acho que o futuro do Brasil está se garantindo, porque daqui a algum tempo não vai valer apenas o fato de a gente ter muito minério, ter muita floresta. O que vai valer é que a exportação será exportação do conhecimento, da sabedoria, da competência tecnológica de um país e, por isso, nós precisamos nos preparar para isso.

Quero terminar dizendo a todos vocês... Eu vou falar: veja, Marcelo Déda vai receber, vai ter a chance de pegar financiamento para construir, se tiver perna para construir... vão ter 11 mil casas para ele construir aqui. O projeto Minha Casa, Minha Vida é um projeto para construir 1 milhão de casas populares, das quais quase metade é para quem ganha até três salários mínimos, que [são] as pessoas que [não] podem pagar mais. O Programa, Marcelo, talvez seja o programa mais bem feito na história do Brasil. Porque hoje uma pessoa que compra uma casa, se ela está pagando aluguel – se a prestação da casa nova for R\$ 200,00 e ela estiver pagando R\$ 200,00 de aluguel – ela não pode pagar porque ela está pagando aluguel. Nesse novo programa, a pessoa só vai pagar a casa quando pegar a chave e entrar dentro dela e não vai precisar pagar mais [aluguel]. Então... E nós poderíamos fazer mais se... Quero dizer e quero agradecer a vocês também porque o movimento nacional de moradia ajudou a construir o Programa, foram ouvidos e tem uma parte do dinheiro que são vocês mesmos que vão ter que fazer as casas.



Então, Déda, eu acho que saio daqui hoje... vou chegar em casa às 8 horas da noite – eu vi vocês se beijando, eu vi o Edvaldo beijando – e eu vou chegar em casa, vai ter um pau de macarrão me esperando, porque todo muito fez um feriado prolongado e eu resolvi trabalhar. Mas não é só o Déda que está chateado, não, que tinha até viagem marcada, o Edvaldo... iam passear, porque é um direito de feriado prolongado. Mas eu também não tinha outro dia para vir aqui, porque amanhã à noite eu viajo para Genebra, depois eu vou à Rússia, depois eu vou ao Cazaquistão. Então, eu não poderia vir em outra data aqui. Peço perdão aos namorados e vocês peçam para a Marisa me perdoar na hora em que eu chegar em casa.

Gente, olhe, está chegando o momento em que vocês vão ver as pessoas falarem muita bobagem na televisão. Tinha gente que estava pensando que o Brasil ia quebrar porque... vocês sabem um jogador que está no banco de reservas, em um campo de futebol? Eu fico imaginando que tudo em que ele está pensando é que o outro que está jogando se machuque para ele entrar. O cargo de presidente da República é o cargo mais importante do País. Nós somos 190 milhões de habitantes, mas só um pode chegar, a cada quatro anos.

O que aconteceu no Brasil? É que os meus adversários imaginavam que pelo fato de eu não ter a quantidade de anos de escola que eles tiveram, que eu ia ser um fracasso e que, portanto, eles iam voltar. Então, Déda, eu confesso que o meu orgulho é de saber que os meus adversários tiveram a mesma oportunidade que eu tenho. Governaram... alguns governaram 500 anos este país.

Eu só queria pedir aos adversários do Déda [para] deixarem o Déda governar os quatro anos dele. Déda, não bata boca à toa, Déda, não bata boca. Deixe o adversário gritar, porque este estado também... este estado sempre foi tratado, por alguns governantes, que achavam que o povo era rebanho, podiam levar para onde quisessem. Você é a oportunidade deste



povo se libertar pela primeira vez, deste povo votar livremente. Então, Dédinha, tenha paciência, não brigue, não perca sono, não perca sono, não brigue com a sua mulher por causa dos seus adversários, não brigue com o seu povo, com os seus filhos. Faz parte da política. A arte é paciência. Quando chegar a hora certa, nós vamos contar os tijolinhos para ver quem fez mais por Sergipe, se foi você ou se foram eles.

Portanto, eu quero terminar dizendo: Marcelo Déda, você é o cara!

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)